

LEITURA: UM MUNDO MAGNÍFICO A SER MELHOR EXPLORADO

Andréia Vagetti Frasson¹Ivone Polizer Pricinotto¹Miguel Fecchio²

RESUMO: Esse estudo objetiva refletir sobre o trabalho em sala de aula com utilização de textos literários, podendo servir como diretriz e apoio para o desenvolvimento do ato de leitura dos educandos. Focaliza, assim, a relevância do texto literário como elemento didático incluso na disciplina de Língua Portuguesa e Literatura, buscando explicitar o dinâmico panorama da riqueza literária como instrumento formador de cidadãos através do ato docente. Para tanto, expõe alguns relatos pertinentes de autores pesquisadores na área da educação que ressaltam o trabalho com a literatura no processo ensino-aprendizagem. Assim, esse estudo tenta incitar uma melhor discussão sobre as múltiplas possibilidades de contribuir para a construção do processo ensino-aprendizagem, especialmente no que se refere a leitura literária.

PALAVRAS-CHAVES: literatura, educação, processo ensino-aprendizagem, leitura.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo discutir a importância de se trabalhar com textos literários no ambiente escolar, como subsídio para melhorar a leitura dos educandos, de maneira a desenvolver o interesse e habilidades no ato da leitura. Assim sendo, chama-se a atenção para a relevância do texto literário, pois este pode englobar todas as ciências. Portanto, pode ser trabalhado de forma interdisciplinar.

Como os textos literários contêm muito da realidade social, o aluno pode ser levado à melhor compreensão do mundo que o cerca, através da aquisição de aspectos culturais, sociais e históricos que permeiam a literatura, podendo assim formar uma consciência crítica.

Além disso, o texto literário também pode possibilitar que o leitor saia do mundo real, estimulando sua criatividade e imaginação.

Há pois, de se reconhecer que a crescente cogitação sobre a importância e necessidade de se construir ou despertar no aluno maior empenho e habilidade diante do ato de ler é de vital importância, visto que a leitura constante e produtiva pode permitir um maior sucesso na aprendizagem e na formação do cidadão crítico-reflexivo.

DESENVOLVIMENTO

Não se pode esquecer, nesta reflexão, que cabe também à família a estimulação inicial, o incentivo, o despertar em seus filhos o interesse para uma leitura em si, do ambiente em que estão inseridos, dos objetos que manipula, com as pessoas com quem interage. De fato, ao chamar a atenção para a família, é importante frisar que a escola possui uma função alfabetizadora e formadora, dita aqui de forma “oficial”. É por isso que na escola a criança encontrará atividades mais impulsionadoras ao lhe proporcionar um melhor desenvolvimento de habilidades de leitura dentro do processo ensino-aprendizagem, e em especial de leitura literária, pois como lembra José Luiz Fiorin (2000, p. 22) “... não nos esqueçamos de que, no ensino de língua materna, o texto mais importante é o literário.”

Com isso, é preciso ter claro que toda essa relação entre literatura e escola deve visar à formação integral da criança. Assim, destaque especial deve ser dado à leitura

que é a mais importante das atividades que a escola deve priorizar, no que diz respeito à formação de alunos; A esse respeito nos orienta Luiz Carlos Cagliari:

A atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a leitura. É muito mais importante saber ler do que saber escrever. O melhor que a escola pode oferecer aos alunos deve estar voltado para a leitura”. (CAGLIARI, 1997, p.148)

É preciso, no entanto, apontar o outro lado desta faceta que identifica os textos literários como sendo ferramentas hiper-relevantes, indispensáveis, quase que únicas, para a construção do leitor no processo ensino-aprendizagem; trata-se de considerarmos inviável o trabalho com textos literários na medida em que, na maioria das vezes, são selecionados previamente pelos professores, limitados e, apesar de nem sempre satisfazerem aos interesses dos alunos, fazem parte quase que exclusiva do trabalho textual realizado por grande quantidade de docentes. Isso pode significar um atraso, uma perda na aprendizagem, pois os educandos precisam ser expostos a vários tipos de textos e não apenas textos literários de autores selecionados, pois é notável a circulação em meio à sociedade de uma grande variedade de tipologias textuais, e estes devem ser trabalhados em sala de aula, compreendidos, refletidos, interpretados para uma melhor leitura pelos alunos do mundo que os cerca, possibilitando, assim, que no futuro eles leiam realizando e satisfazendo seus propósitos, finalidades quanto ao ato da leitura.

Para Fiorin (Ibid., p.22) “Os estudantes do ensino fundamental e do ensino médio devem ser expostos a todos os tipos de textos: a notícia; a receita de cozinha; a publicidade, os textos dos manuais técnicos, etc.”

De certo modo, o trabalho com a literatura na disciplina de Língua Portuguesa “... exige uma abordagem específica a partir de uma metodologia compatível com o ensino da literatura. E esta não pode continuar sendo mero pretexto para o ensino da língua”, como afirma Maria Alice de Oliveira Faria (1994, p. 11).

Destaca-se aqui que é preciso inserir no processo ensino-aprendizagem um melhor trabalho com textos literários no sentido de que se desenvolva o ato da leitura, o ato de uma leitura produtiva, significativa que possa

¹ Graduanda do curso de Letras da Unipar de Cianorte

² Professor da Unipar- campus Cianorte- Mestre em Educação. miguel@unipar.br

alargar os horizontes interpretativos, crítico-reflexivos de alunos e não se fazer da utilização do texto literário pretexto para o ensino da língua padrão, de maneira privilegiada. Se o ensino ocorrer dessa forma, corre o risco de tornar-se exaustivo, limitado e pouco produtivo. Ao se trabalhar com a literatura deve-se oferecer o resgate do prazer ou lazer que a leitura pode proporcionar. Deve-se, ainda, dar ao aluno a possibilidade, a liberdade de escolha de qual obra literária lhe tenha despertado interesse ou curiosidade. Não se pode conceber o texto literário apenas como uma imposição em que o professor escolhe e o aluno recebe passivamente. Sobre isso, salienta Maria Antonieta Antunes Cunha (1988, p. 79) “O importante mesmo é que crianças ou jovens estejam em contato com todo tipo de obra literária e façam as suas opções”.

Ainda, a respeito dessa liberdade de escolha, Marisa Lajolo destaca:

“A leitura só se torna livre quando se respeita, ao menos em momentos iniciais do aprendizado, o prazer ou a aversão de cada leitor em relação a cada livro. Ou seja, quando não se obriga toda uma classe à leitura de um mesmo livro...” (LAJOLO, 2000:108)

Na medida em que a utilização de textos literários no trabalho docente desenvolver a formação de leitores eficientes é possível considerar que estes leitores também se tornem eficientes na escrita. Dessa maneira dotados de habilidades de leitura e escrita esses educandos exercerão melhor, de maneira mais consciente, crítica e sábia a cidadania, por incorporarem valores sociais e morais. Portanto, a verdadeira cidadania se dá pela capacidade do indivíduo de pensar por si próprio. Dessa maneira, a escola estará realmente preparando indivíduos para a vida social.

Nesse sentido, é importante que o trabalho com a literatura no ambiente escolar provoque a participação dos alunos na construção do conhecimento literário, incitando-os para uma atividade de leitura bem planejada, com preparação de encenações, realização de seminários entre outras situações que lhe causem prazer.

Para que haja um verdadeiro crescimento dos alunos, é de suma importância que o professor aguice-os para que produzam literatura, para que sejam agentes ativos no processo ensino-aprendizagem, pois a exposição contínua dos mesmos a obras literárias trabalhadas pelo professor, “... com a mesma passividade com que se digerem figuras de geometria e regras gramaticais, habitua o aluno a uma atitude sempre passiva perante o texto;” como ressalta Marisa Lajolo (1982, p. 51).

Constata-se, assim, que o texto deve ser uma porta-voz que concretiza múltiplas e variadas funções dentro do contexto escolar. Assim sendo, a literatura com a riqueza de conteúdo que possui pode propiciar internalização de conhecimentos, experiências e valores construídos pelo aluno como agente da ação docente.

Contudo, a escola, tal como foi concebida em tempos ditatoriais não permitia voz ativa aos alunos; a literatura era trabalhada apenas para fins didáticos. Porém, hoje, a escola deve estar atenta às múltiplas possibilidades de gerar o processo ensino-aprendizagem, sempre priorizando as preferências do indivíduo na introdução ao mundo da

literatura.

Deve-se salientar que é preciso preparar os alunos para receber um texto literário, introduzindo-o de forma a produzir interesse, curiosidade sobre tal texto, mas, antes, é fundamental que os alunos estejam dotados de capacidade para identificar os elementos lingüísticos, contidos em determinado texto literário, como: tipo de narrador, funções da linguagem, figuras de linguagem entre outros. Logo, a leitura literária exige também que seu leitor lance mão de seu conhecimento de mundo, levando assim, o aluno a fazer um intercâmbio entre seu conhecimento e o conteúdo da leitura realizada.

É papel do educador apurar inferências entre os alunos, promover a interação deles com o texto, levantando questionamentos, revelando intertextualidades, esclarecendo o obscuro, destacando denúncias e principalmente atentando para o fato de como o autor diz o que diz e porque o diz, como destaca Marisa Lajolo (2000) “Levar em conta a interação leitor-texto para discutir literatura parece dar conta de forma mais adequada do modo de inserção da literatura na vida escolar...” (Ibid., p. 43).

Assim, é função do professor conduzir, orientar o aluno a ler nas entrelinhas, refletindo o sentido global do texto, porém, nunca perdendo de vista o prazer do ato de ler, ressaltando a liberdade contida neste ato, a beleza da literatura. Dessa maneira o aluno está sendo conduzido à percepção da leitura como algo vivo e dinâmico.

O educador deve instigar em seus alunos, sobre a literatura, uma visão crítica, atenta, observadora, mas acima de tudo com olhar curioso, pesquisador que possa perceber as intenções contidas na linguagem e o que isso pode acarretar. Deve-se dar ao aluno a chance de indagar, criar e recriar, de modo que o texto literário tenha uma função nova, atual, realmente divertida e inovadora. Nesse sentido, assim se expressa Maria Antonieta Antunes Cunha (1988) “Seria, pois, muito importante que a escola procurasse desenvolver no aluno formas ativas de lazer – aquelas que tornam o indivíduo crítico e criativo, mais consciente e produtivo”. (Ibid., p.40).

Considerando-se, portanto, que um ensino produtivo, eficaz, trata de um ensino significativo, útil e relevante para a vida social do aluno que toma lugar no banco escolar, é necessário que o professor esteja sempre vertendo da literatura para a situação real de vida em que se encontra a sociedade na qual este aluno está inserido, elementos que possam fazer referência ao dia-a-dia, experiências a fatos da vida social dele. Assim o professor poderá promover uma identificação do aluno com o que lhe está sendo exposto.

Inserir um texto literário na prática pedagógica requer uma acolhida, uma aceitação do professor das várias maneiras de interpretação dos alunos sobre um determinado texto. Por isso, é fundamental que o professor esteja dotado de preparo quanto ao conteúdo aplicado em sala de aula, pois cabe a ele estabelecer os limites do razoável à gama de interpretações que poderão surgir entre os alunos. Essa atitude do professor é necessária para não se correr o risco de apontar ou aceitar fatos de total incompatibilidade com o texto lido.

O professor precisa estar atento ao lançar um texto literário em sala de aula sobre as diversas interpretações possíveis das várias faixas etárias de leitores, visto que um educador adulto pode ter interpretações totalmente distintas

de uma criança ou adolescente.

Pode-se tomar como exemplo que um adulto poderia se valer de uma leitura freudiana em que o “comer” na obra “Chapeuzinho Vermelho” poderia fazer referência à prática do ato sexual, ao passo que, para uma criança, o termo “comer” remeteria ao sentido literal da palavra.

O professor deve também observar, com cuidado, quanto à adequação de obras literárias no que diz respeito às séries a serem aplicadas, pois alguns textos podem se tornar inadequados para determinadas idades, devido à linguagem e à temática nele contidas e, até, muitas vezes, a incompatível competência lingüística dos alunos sobre este assunto. É, pois, de grande importância a boa orientação do professor, porque como assinala Marisa Lajolo (2000):

A nós, a quem cabe a decisão sobre o que é melhor, mais adequado, mais desejável, mais indicado para este ou aquele contingente de jovens, acidental ou circunstancialmente sob nossa influência e responsabilidade.” (Ibid. , p. 37).

Por conseguinte, o presente trabalho propõe-se a ressaltar relatos convenientes de teóricos da área educacional que analisam a necessidade de se valorizar e desenvolver a leitura literária em relação à formação do leitor.

Maria Antonieta Antunes Cunha (1988) revela a dimensão das várias possibilidades de se interpretar um mesmo texto literário:

Ora, na medida em que tivermos diante de nós uma *obra de arte*, realizada através de palavras, ela se caracterizará certamente pela *abertura*, pela possibilidade de vários níveis de leitura, pelo grau de atenção e consciência a que nos obriga, pelo fato de ser única, imprevisível – original, enfim, seja no conteúdo, seja na forma. Essa obra, marcada pela conotação e pela plurissignificação, não poderá ser pedagógica, no sentido de encaminhar o leitor para um único ponto, uma única interpretação da vida. (Ibid. , p. 23).

Sobre esse assunto, assim argumenta José Juvêncio Barbosa:

Ler é sempre colocar questões a um texto: é um ato voluntário que evocamos previamente. É por isso que um texto pode ser compreendido de diversas maneiras. Pretender que exista uma única forma “correta” de interpretar um poema, um romance ou qualquer outro texto, é impedir que o leitor coloque as questões que deseja, que são cabíveis para ele; é, portanto, anular a construção de sua própria compreensão (BARBOSA, 1994, P. 118).

Regina Zilberman (1985, p. 68) chama-nos a atenção para o fato de que o texto literário só é verdadeiramente lido quando nos dispomos a apreendê-lo de maneira a recriar sua mensagem introspectivamente. Assim, ele é uma dinâmica ferramenta capaz de alargar os horizontes perceptíveis de seu leitor, pois

... a obra literária rompe com as expectativas de seu leitor e existe para isso. Em outras palavras, a criação artística é uma mensagem que se orienta necessariamente para seu recebedor, reproduzindo, neste aspecto, o processo usual de comunicação. Mas ela se particulariza na medida em que provoca um estranhamento; portanto, precisa ser sempre uma mensagem original, uma criação no amplo sentido do vocabulário, o que lhe assegura o caráter permanentemente renovador.

E ainda, a respeito desse caráter renovador, a autora continua:

... a obra literária pode romper também com os padrões vigentes em termos de visão da realidade. É neste sentido que a literatura pode se constituir em objeto de conhecimento, ampliando e renovando o horizonte de percepção de seu leitor. E, se ela não reflete passivamente uma sociedade ou uma época, é porque expõe suas contradições, tornando patente suas fissuras, assim como as tentativas, por parte da classe dominante, de acobertá-las (Ibid. , p.69).

Além disso, Regina ressalta o caráter investigativo e questionador do texto literário, que incorpora o social em sua estrutura:

O texto se converte em instrumento de investigação da realidade, questionando-a sem abdicar de sua natureza literária, pois transforma todos os elementos externos em componentes de sua estrutura. A relação com as normas e os padrões estabelecidos de uma dada época e sociedade vem a participar do universo artístico, garantindo a autonomia deste, mas, ao mesmo tempo, reativando seu contato com a vida social (Ibid. , p. 69).

Marisa Lajolo afirma que a literatura é um forte veículo transformador, capaz de aguçar nosso lado emotivo para uma possível reflexão do mundo que nos cerca, sua cultura, seus valores, tipos, conceitos e preconceitos.

Em movimento de ajustes sutis e constantes, a literatura tanto gera comportamentos, sentimentos e atitudes, quanto, prevendo-os, dirige-os, reforça-os, matiza-os, atenua-os; pode revertê-los, alterá-los. É, pois, por atuar na construção, difusão e alteração de sensibilidades, de representações e do imaginário coletivo, que a literatura torna-se um fator importante na imagem que socialmente circula, por exemplo, de *criança* e de *jovem* (LAJOLO, op. Cit. P. 26-27).

Entretanto, para que o trabalho com a literatura seja realmente produtivo é preciso que o receptor, que é seu leitor, esteja capacitado quanto aos elementos lingüísticos contidos no texto, pois só assim dar-se-á a percepção do que se está lendo.

... na medida em que a linguagem é uma construção da cultura, para que ocorra a interação entre o leitor

e o texto, e para que essa interação constitua o que se costuma considerar uma *experiência poética*, é preciso que o leitor tenha possibilidade de percepção e reconhecimento – mesmo que inconscientes – dos elementos de linguagem que o texto manipula. (LAJOLO, op. cit., p. 45)

A autora atenta também para o fato de que a leitura literária além de promover o prazer e a liberdade, pode constituir-se em fator relevante para o exercício da cidadania: “A literatura constitui modalidade privilegiada de leitura, em que a liberdade e o prazer são virtualmente ilimitados”. (LAJOLO, op. Cit. p. 105).

Assim, a autora continua, evidenciando que:

... o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos. (Op. cit. , p. 106)

Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1999, p. 67) destacam que, mesmo contendo muito da realidade socioeconômica e tecnológica, o texto literário pode revelar-se um mundo criativo, imaginário e lúdico;

De um modo ou de outro, enraíza-se uma tradição – a de proposição de um universo inventado, fruto sobretudo da imaginação, ainda quando esta tem um fundamento social e político.

Neidson Rodrigues (1986, p. 103) aponta que o texto literário assim como a pintura nos oferece possibilidades de criarmos uma nova leitura sobre um texto, diz-se ler nas entrelinhas, podendo ultrapassar o limite do lexical alcançando a subjetividade da linguagem tipicamente conotativa que possui o texto literário.

A realidade descrita na literatura, assim como aquela desenhada na pintura, é uma outra realidade; é uma realidade de outra natureza, não é simples colagem, simples decalque da realidade visível. Tanto a literatura quanto a pintura representam nova criação do mundo, uma visão cultural da realidade, logo, uma ultrapassagem, um ir para além do real visível.

CONCLUSÃO

É sabido que o ato de ler é fundamental para a vida do estudante, pois, através da leitura, ele pode obter informações em todas as áreas do conhecimento.

A leitura não é apenas a decodificação de sinais gráficos, mas também é uma atividade na qual o indivíduo

faz inferências, utilizando conhecimento pessoal para formulação e verificação de hipóteses e previsões sobre o texto, as quais poderão vir a ser confirmadas ou não.

Dada a importância do trabalho, em sala de aula, com textos literários, é indispensável à universidade, através do Curso de Letras e Cursos de Preparação para o Magistério, a tarefa de dar a seus estudantes - futuros educadores – a possibilidade de uma formação que os capacite a pesquisar, criar, recriar e inovar práticas pedagógicas de maneira que o texto literário possa ser trabalhado numa perspectiva renovadora, atual e formadora do educando, que possibilite a conciliação entre o saber sistematizado e construção do conhecimento através do lúdico.

Dentro de uma prática dinâmica e renovadora, a escola como mediadora do conhecimento, precisa oferecer materiais diferenciados para que o aluno, como ser múltiplo e único, segundo suas características pessoais, tenha possibilidade de escolha para conseqüentemente desenvolver estratégias individuais que favoreçam o progresso de suas potencialidades como leitor crítico, consciente e produtivo.

A leitura nos traz sempre uma situação nova: umas vezes esclarecendo os pontos duvidosos, outras, atiçando nossa curiosidade para o desconhecido. Os objetivos do leitor em relação a um texto também podem variar de acordo com o momento e intenção. Portanto, ler é uma atividade que deve ser feita com um propósito, e isso será tanto melhor, se estiver aliada ao prazer e a liberdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, J. J. **Alfabetização e leitura**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e lingüística**. São Paulo: Scipione, 1997.
- CUNHA, M. A. A. **Literatura infantil: teoria e prática**. 8. ed. São Paulo: Ática, 1988.
- FARIA, M. A. de O. **O jornal na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 1994.
- FIORIN, J. L. Ressignificando o ensino de Língua Portuguesa. In: ANAIS DA IV SEMANA DE LETRAS – FAFJAN, 2000, Jandaia do Sul – Paraná. p. 17-29.
- LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira: histórias e histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- LAJOLO, M. **Usos e abusos da literatura na escola**. São Paulo: Globo, 1982.
- RODRIGUES, N. **Por uma nova escola: o transitório e o permanente na educação**. 5. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.
- ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. 5. ed. São Paulo: Global, 1985.